

R o t e i r o
do
Porto

É bom poder fazer o roteiro da minha cidade. É bom poder dar a conhecer o Porto através de palavras e de fotografias. O Porto são as histórias e as pessoas, são as músicas e as lojas, são os pratos, os cheiros e as cores. Quero mostrar um Porto que só é Porto porque há tanta coisa a dar-lhe vida.

Mercado do Bolhão

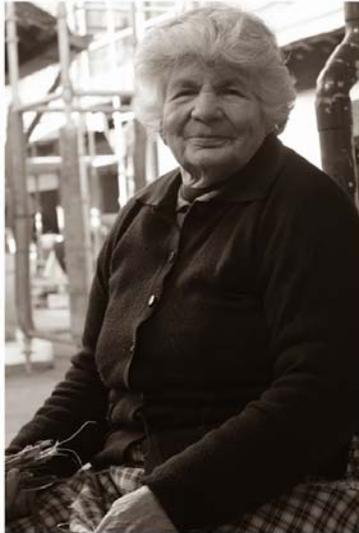
No Mercado do Bolhão só se fala português. Contam-se e vivem-se histórias. Entra-se pela porta principal e já se sente o cheiro a fresco. Não há como descrever: só entrando e sentindo.

"Oh freguesa, venha cá ver!" canta a D. Maria. Tem 73 anos e trabalha no Mercado do Bolhão desde os seus 6. Diz que o mercado é a sua universidade. Foi onde aprendeu tudo e tudo mais. As dores do seu braço direito e o peso da idade não lhe tiram a força e a energia que a mantêm viva. Uma vida feita de legumes e de memórias.

É impossível ficar-se indiferente à boa disposição da D. Maria da Conceição. A cor da fruta condiz com o brilho dos seus olhos, quando afirma que o mercado é a sua paixão. Não consegue imaginar a sua vida sem ele e garante que o Mercado do Bolhão é um mar de histórias que não tem fim, que se vivem diariamente e que ficarão para se contar, um dia mais tarde.

Reparei numa senhora que me chamou à atenção pela sua postura, pelas suas rugas e pelos seus olhos cerrados. Tive a certeza absoluta que estava a precisar de companhia para conversar. Acertei em cheio. Trabalha no mercado há 70 anos e garante que dali não sai. As flores são o seu mundo e nunca falha a sua missão de não as deixar murchar. Tal como elas, é vaidosa e gosta que lhe tirem fotografias. Autorizou-me e fotografei-a. Fez-me prometer que um dia lhe levaria a fotografia para a guardar no seu quarto. O prometido é devido. Até já D. Amélia!

"Significa tudo" foi a resposta da D. Arminda à minha pergunta "O que é o mercado para si?". Apressei-me a pegar no bloco porque não queria perder o que fosse da sua resposta. Repetiu "Significa tudo.". Depressa percebi que não havia nada a acrescentar. Significa tudo e o tudo é o que faz uma vida.



Majestic

**Desde 1921 que o Porto tem mais encanto. É o Majestic Café.
Transporta-nos para outro tempo: para o tempo de Portugal.**

A porta principal não tem descanso e a cada minuto alguém novo descobre este tesouro. Sento-me e observo. Não há que enganar. O movimento fala por si. As máquinas fotográficas disparam sem parar como se todos quisessem eternizar a sua passagem pelo famoso Majestic. Os empregados de mesa, sempre atentos e organizados, garantem o melhor para o cliente. Em cada mesa uma nacionalidade, uma cultura e uma história de vida diferente, mas a todos toca a sensibilidade e a magia do Majestic. Tal como a mim me toca e me faz querer falar dele.

Do meu lado direito estava um senhor alemão, que pelo seu olhar transparecia admiração e fascínio. O entusiasmo dos seus olhos era enorme e a sua curiosidade, sobre a história do café e de Portugal, saltava à vista de todos. Lentamente experimentava a especialidade da casa, as tão saboreadas rabanadas com doce de ovos e frutos secos. Ninguém lhes resiste e eu estou aqui para comprovar.

Há muitas histórias que se dizem por aí e que fazem do Majestic um lugar misterioso e sem ter fim. Conta-se que há muito tempo, havia um túnel secreto que ligava o café ao Teatro Sá da Bandeira e que era por ali que os atores tinham acesso privilegiado ao café mais chique do Porto. Esta é uma de muitas que se contam e na qual, mesmo sem se querer, se crê.

Tive o privilégio de conhecer o Sr. Joel, o fantástico chefe de mesas que o café tem. Conhece os cantos à casa e fala-me do Majestic com orgulho e dedicação. Cruzei-me também com a Rita, uma das empregadas de mesa do café, que me tentou explicar como era trabalhar num sítio assim. "É um mundo à parte!" disse-me. Fiquei a pensar e percebi que o mundo de pequenos mundos se faz e se concretiza.

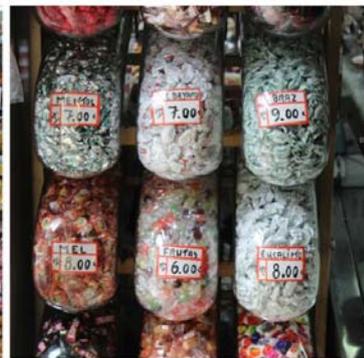


A Pérola do Bolhão

A Pérola do Bolhão vale milhões. A sua fachada atrai muitos turistas, que se deixam entrar e deslumbrar.

Lá está o Senhor Reis, no seu lugar de sempre, com o seu ar desconfiado mas tão sabedor. Conhece os cantos da casa e ocupa o lugar que antes fora do seu pai. Desde 1917 que a sua Pérola inunda a baixa do Porto. "O que vai ser menina?" diz o Sr. Reis. "Vim só para conhecer e para poder dar a conhecer." atrevi-me a dizer. Lá lhe expliquei a minha intenção e logo de seguida me contou o quão antiga e tradicional era a sua tão preciosa Pérola. Foi criado ali e desde pequeno que aprendeu o que é a vida de comerciante. O seu pai foi um dos grandes que a cidade do Porto já conheceu, e o seu orgulho por ele não tem fim. Contou-me, que certo dia, quando ele ainda era pequeno e a mercearia era gerida pelo seu pai, a Pérola conseguiu arranjar uma qualidade de bacalhau raríssima (inglesa se não me engano) que muito dificilmente era encontrada em Portugal. O bacalhau tão cobiçado decorou a montra, enfeitado com muitas notas verdadeiras à sua volta. No centro estava um pequeno letreiro que dizia "Quem tiver um igual fica com este dinheiro.". Todos paravam para olhar a montra, era uma fila sem fim. Não sei o que os atraía mais: se o bacalhau ou se o dinheiro. Talvez um dia fiquemos a saber.

Confidenciou-me também que só deixará a Pérola do Bolhão quando for obrigado a ir para o cemitério. Não consegui deixar de rir e de reparar na alegria profunda que ele sentia ao dizer isto. Na Pérola só se fala português. É a linguagem da alma e da tradição.



O Cauteleiro mais antigo da Cidade do Porto

O seu número da sorte é o 13. Estranho? Nem por isso. A sua fé na sorte faz dele um dos poucos cauteleiros que ainda existem na Cidade do Porto. É o cauteleiro de Sampaio Bruno.

É desta que me sai a Sorte Grande? O Sr. Flávio diz que sim. Vou confiar. Cá vai:"Era uma cautela, por favor."

O Sr. Flávio é dos poucos cauteleiros que ainda se veêm. Começou por vender jornais na Praça dos Leões para ajudar o seu tio mas depressa se rendeu às lotarias. Há 30 anos que se encontra na rua Sampaio Bruno a apregoar a sorte pela cidade fora. A sua voz é inconfundível, a sua boa disposição contagia e a dedicação pelo que faz deixa viva a sua presença pelas ruas. Faça chuva ou faça sol, lá está o Sr. Flávio a torcer pela sorte de todos e pela sua também. Nunca ganhou grande coisa mas não desiste, nunca desiste. Conta, com graça, que certo dia, vendeu a sorte grande a um senhor. Era um cliente habitual seu que costumava comprar sempre meia dúzia de cautelas de uma vez mas no dia em que comprou apenas uma, a sorte bateu-lhe à porta. A sorte é o que quisermos dela. Sorte a minha de ter histórias para contar.



O Chiadinho

"Vá ao Chiadinho que lá encontra!" é o que ainda hoje se diz por aí. Em plena Praça dos Leões encontra-se a retrosaria mais antiga e emblemática da Cidade do Porto.

O Sr. José passou de funcionário a proprietário do Chiadinho. Foi lá que, entre novelos, tecidos e botões, cresceu e construiu a sua vida. A paciência e a dedicação são a chave para o sucesso de um negócio com história.

Antigamente os clientes eram muitos mais e os funcionários precisos também mas a retrosaria continua a ter uma clientela muito fidelizada. O Sr. José atende pessoas que conheceu em crianças e que hoje já têm netos. Ver os clientes crescer também faz parte da história do Chiadinho.

Mais do que uma retrosaria, o Chiadinho é um autêntico confessionário. É o que dizem por aí e eu hei de experimentar. São vários os clientes que entram na loja para dizerem apenas "Olá!" ou mesmo para partilharem a suas vidas. As alegrias e as tristezas que já passaram pelo Sr. José e pela sua mulher, a D. Ana Maria, enriquecem as suas vidas e dão sentido à entrega a esta profissão. "É a riqueza disto!" confessa o Sr. José.

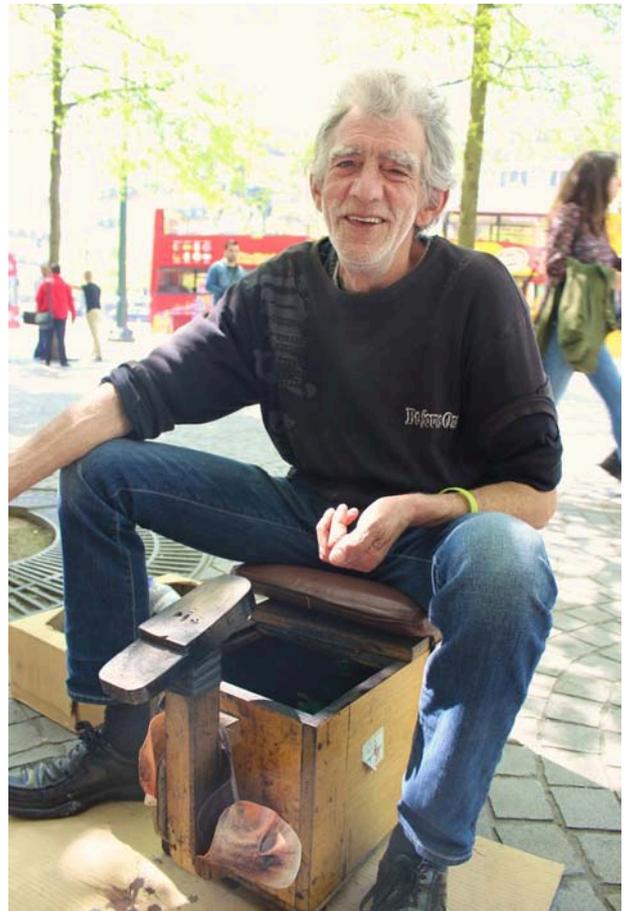
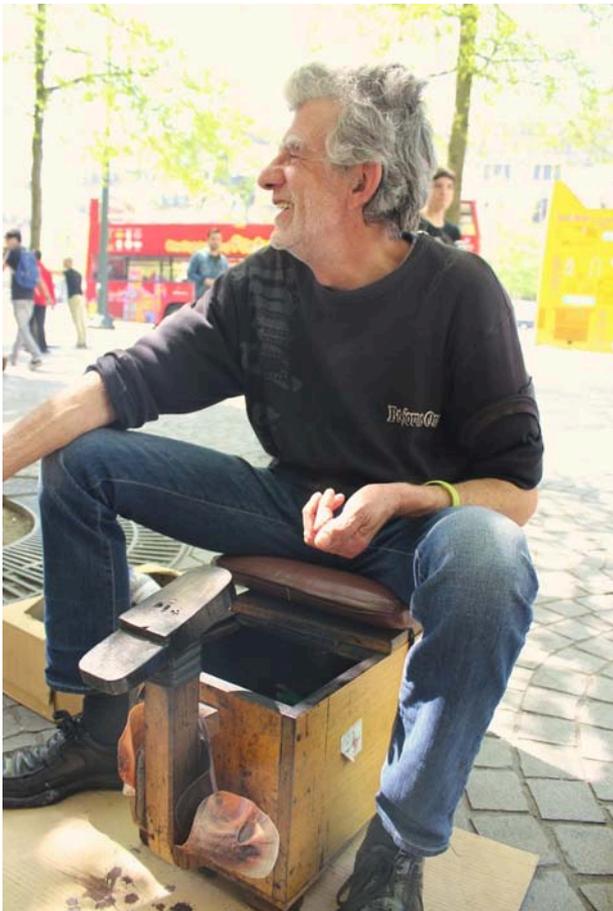
Os mil e um turistas que passam diariamente pelo Chiadinho ficam boquiabertos e encantados com a qualidade e com a cor dos produtos. "Não há disto no meu país!" dizem eles. O Chiadinho é uma loja de tradição onde, de verdade, só se fala português.



O Engraxador dos Aliados

Já não se veem muitos artistas destes pela Cidade do Porto. Apresento o engraxador mais antigo da Cidade do Porto.

O Sr. Arménio garante-me que engraxar é uma arte. É a sua arte. É assim que passa os seus dias e é assim que passa uma vida, com espaço ainda para muitas histórias e conversas. E ali está ele, bem no centro dos Aliados, de olhos postos nas pessoas e no mundo, pronto a dar brilho nos sapatos de quem se passeia pela cidade.



A Ribeira

É aqui, na Ribeira do Porto, que trabalha e que se sente cada vez mais preenchido. Óscar Frias é o seu nome.

"Aceitei o desafio de vir para aqui!" disse-me com muito entusiasmo. Para si é um dos lugares mais bonitos, mais característicos e únicos da cidade. Trabalha em consultoria numa mercearia fina, há apenas 15 dias. É o novato aqui da zona. Para si as pessoas da Ribeira são especiais e o segredo está em saber compreendê-las. Perceber as pessoas e o modo de vida de cada uma, perceber as suas histórias e as suas manias. "As pessoas da Ribeira cativam-me!" disse-me também.

Em tempo de Santos Populares, não podia deixar de perguntar ao Sr. Óscar como tinha sido a sua noite de S. João - "Conte-me lá! E o seu S. João?". Na Ribeira não falta animação. As sardinhas e as fêveras não podem faltar, e o caldo verde verdinho a fumegar na tigela também não! O barulho dos martelinhos e o cheiro dos manjericos são o pano de fundo desta noite e os balões enchem o céu de luz e de estrelas. As ruas estão cheias de gente. Gente que dança para o S. João com o Porto inteiro a bater no coração!



Loja “Memórias”

Memórias de cada um. Memórias de um passado comum.

Ir ao baú dos avós. Correr o passado e encontrar o futuro. Construir no presente a combinação perfeita que nos faz avançar no tempo e na história. Escavar a terra e encontrar raízes, qual árvore da vida, da cultura e de Portugal. Procurar o passado do povo e encontrar as memórias perdidas. Perdidas por aí mas encontradas pela D. Maria Manuel.

"Memórias" é o nome da sua loja, localizada na Rua das Flores. Tão procurada e elogiada. A integração do artesanato na decoração da casa de cada um de nós, é o conceito principal da loja. Os pormenores dos objetos, as embalagens feitas em tecido e pintadas à mão, os arranjos de flores, as cerâmicas, os bordados e os azulejos. "Vale a pena arriscar num negócio assim!" disse-me a D. Maria Manuel. Se vale! Vale a pena arriscar na alma portuguesa!



Folclore da Foz do Douro

O Folclore da Foz do Douro leva-nos a viajar pela cultura do Douro e do Minho. De braços no ar, de estalinhos nos dedos, de saias de roda e de socos nos pés, aqui vamos nós.

Dançam, dão voltas e trocam de par. Nunca se cansam e nunca perdem o ritmo. Dançam com a mão na cintura e com a região ao peito. A "Chula", o "Malhão Traçado", a "Cana Verde" e o "Vira Rodado" são algumas das muitas danças que o Folclore da Foz do Douro tem a alegria de nos mostrar. Eu entrei na roda e a vida convidou-me para dançar.



Casa de Ló

É bastante tentador para quem passa por lá todos os dias, sempre que vai para a faculdade. Sim, é o meu caso. Um lugar de visita obrigatória na Cidade do Porto. É a Casa de Ló.

Da tão antiga e conhecida Casa Margaridense, nasceu a Casa de Ló. Um projeto que surgiu da vontade e da determinação das amigas Sara e Adriana, que decidiram apostar no empreendedorismo e na tradição do pão de ló. Ele, como não podia deixar de ser, continua a conquistar corações e apesar de já não ser feito na própria casa ,vem diretamente da Fábrica de pão de ló de Margaride, em Felgueiras. O espaço foi restaurado de maneira a que a Casa Margaridense continuasse na memória de todos. O famoso cofre onde eram guardadas as receitas de pão de ló e o relógio de parede continuam intactos e aguardam a visita de muitas pessoas.



As luzes de Natal dos Aliados

As luzes e o Natal chegaram à Cidade do Porto.

Estamos ligados. É uma rede infindável e inquebrável de fios e fiozinhos. Daqueles bem ensarilhados, todos cruzados, e claro, não fosse de estranhar, impossíveis de separar. Sim! Esta rede somos nós! Nós que, indiscutivelmente, nos unimos pela mesma cidade, nós que, incontestavelmente, a vivemos no melhor e no pior. Simplesmente nós! Nós que somos do Porto, nós que vamos aos mesmos sítios, nós que conhecemos os mesmos recantos, nós que partilhamos os mesmos costumes e os mesmos orgulhos. Nós estamos ligados. E as luzes dos Aliados também!



Estação de S. Bento

É verdade que sempre gostei de estações de comboio mas desta gosto muito especialmente. Histórica e única. É a Estação de S. Bento no Porto.

Os famosos painéis de azulejos são o pano de fundo da estação e das vidas que por aqui passam. Sento-me e espero que o comboio chegue. Olho para o relógio e ainda faltam alguns minutos. Estou confortável. De malas nos pés e de braços cruzados, olho à minha volta. Vale a pena parar um segundo e reparar. Uns correm, outros tentam ainda comprar o bilhete, outros riem-se, outros estão perdidos e outros, tal como eu, estão sentados nos bancos verdes que se espalham pela estação. Vale mesmo a pena parar. Vale a pena parar porque a vida não para. Uns correm para não perderem a pessoa que tanto gostam e outros aguardam pelo mesmo comboio de todos os dias, ansiosos por chegarem a casa. Lá vão os outros que perderam a paciência e os outros que esperam um simples milagre. Ali estão os que trazem a alegria no peito e a vida nas mãos e ali os que resistiram à doença. Olha! Estão ali os que não têm rumo e os que trabalham sem parar. Lá vão os outros que têm filhos pequenos e os outros que já têm netos a quem contar histórias. E aqui estou eu. Eu e a Rita. A Rita está sentada no mesmo banco que eu e adora andar de comboio. Diz que as viagens são a forma de se abstrair da agitação que está para lá das portas e de se concentrar em si e naquilo que mais precisa. O comboio chegou, vamos partir. Vale a pena parar e reparar. Vale a pena parar porque o comboio não para.

